

Diálogos entre Bakhtin e Bourdieu: o jogo de vozes entre narrador e personagem feminina, em *Pedro e Paula* de Helder Macedo

Mestranda Giovana dos Santos Lopes¹ (UEM)

Resumo:

Em Pedro e Paula, de Helder Macedo, temos uma narrativa metaficcional e intertextual. O narrador, que confunde-se com o autor, apresenta a personagem Paula sob um diálogo que envolve sedutoramente o leitor. Há marcas especificamente masculinas na construção dessa personagem feminina, mas há, sobretudo, uma cumplicidade com o feminismo caracterizada através da linguagem. O jogo de vozes entre personagem feminina e narrador é ocasionado pelo autor, o que confere expectativas masculinas na representação de Paula. E para tanto é que correlacionamos o pensamento de Bourdieu, na estrutura social, ao de Bakhtin, no dialogismo, à análise deste romance, em que o enredo é construído por estas personagens que dialogam entre si, e que se apresentam incorporadas aos valores especificados pelos filósofos em questão.

Palavras-chave: Bakhtin, Bourdieu, narrador, personagem feminina, Helder Macedo.

Introdução

Conforme Silva (apud Bonnici; Zolin, 2003, p. 124) especifica é preciso que “[...] cada leitor comece a observar o mundo que nos cerca e perceba, aos poucos, que os nossos hábitos, crenças e valores não surgiram “naturalmente”, nem são eternos”.

Em relação a essa construção de sentido, Mikhail Bakhtin construiu seu trabalho, entre os anos de 1923 a 1974, valorizando a fala, a enunciação, e afirmando sua natureza social, não individual: a fala está indissoluvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.

Bakhtin (1997) atribui conceitos importantes à crítica sociológica, como o dialogismo, remetendo a polifonia e a carnavalização. O dialogismo se opõe ao monólogo, isto é, o dialogismo interage com o leitor, suas personagens possuem voz ativa; em vista disso o leitor é representante de sua sociedade. Para ele, o autor cria a obra já com a noção de que esse representante irá discordar de suas idéias, podendo ou não incorporá-las.

A polifonia é co-integrante do dialogismo, pois as personagens criadas não concordam com o narrador, o que faz com que o autor organize o texto de forma com que o leitor possa criar a hipótese de que há uma variante de pensamento dentro da obra, e, por consequência, ele pode obter definições próprias.

A carnavalização consiste na sátira ou crítica ao poder do tradicional, do formal. Também é um recurso do dialogismo, pois remete o leitor à alteridade.

Para Bakhtin (1998) é necessário ultrapassar a dicotomia positivismo/idealismo de que os estudos lingüísticos foram (e são) tributários, ele mostra que nem o “subjetivismo abstrato” nem o “subjetivismo idealista” conseguem aprender a linguagem em sua realidade viva.

Para tanto, o modo de existência da linguagem é o dialogismo, pois em cada texto, em cada enunciado, em cada palavra ressoam duas vozes: a do eu e a do outro.

Seria esta palavra a mediadora entre o individual e o social, “[...] ela (a palavra) está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”, (BAKHTIN, 1981, p. 95).

Pensar na linguagem enquanto função dialética, segundo Bakhtin, seria empregar à língua um caráter social, ou seja, ver a palavra integrada a um processo contínuo: “A estrutura da enunciação e da atividade mental a exprimir são de natureza social”. (BAKHTIN, 1981, p. 122).

Desse modo, verificamos que o dialogismo seria uma pluralidade de vozes, não somente o leitor faria parte desse diálogo quando interage com o romance, mas também o autor quando

escreve imaginando um interlocutor, assim como as personagens que dialogam entre si. Estas possuem voz que não é somente ligada às idéias e valores de um determinado indivíduo, mas sim a uma instituição, ou seja, elas representam uma determinada instituição permeada por suas características sociais:

Quando Bakhtin (1981) se refere ao “discurso de outrem”, relaciona o diálogo com uma investigação mais profunda das formas usadas na citação do discurso, uma vez que essas formas refletem tendências básicas e constantes da recepção ativa do “discurso de outras pessoas”, carregadas de ideologia, vivências e historicidade. Essa recepção é fundamental para o diálogo, uma vez que todo indivíduo que dialoga, traz em si, suas marcas e influências e é por meio dessas que também irá buscar subsídios no discurso que o outro oferece.

Em *Pedro e Paula*, temos as vozes masculinas representadas por José e Pedro, pai e irmão de Paula, respectivamente; carregadas de autoritarismo e preconceito, frutos de uma ideologia dominante em que a sociedade, no romance, está inserida. Mas temos a voz sedutora do narrador que coloca seu ponto de vista masculino, e inclusive feminino, abordado por meio da linguagem, em relação à personagem feminina Paula.

Ana, a mãe de Paula, é a voz feminina oprimida, que projeta na filha aquilo que almejava e não conseguiu, ou seja, resistir a ideologia dominante que lhe foi imposta, como mulher e esposa.

O romance mostra essa pluralidade de vozes que trazem marcas masculinas, fruto da ideologia da época que se passa a história, e marcas femininas, por meio do discurso e também das características do feminismo enquanto metáfora da busca pela liberdade.

.Concomitante com esse pensamento de que homens e mulheres trazem consigo as marcas de uma ideologia dominante, e que podem e, devem, resistir a isso, utilizando também o discurso, citamos Pierre Bourdieu.

O sociólogo francês realizou seus estudos entre 1958 a 2002, principalmente do campo da sociologia e da educação. Ele consistiu em admitir que existem, no mundo social, estruturas objetivas que podem coagir a ação e a representação dos indivíduos, dos chamados agentes.

No entanto, tais estruturas são construídas socialmente assim como os esquemas de ação e pensamento, chamados por Bourdieu de *habitus*.

Para delimitarmos esses três fundamentos, o **poder simbólico**, **campo social** e **habitus**, estudos de SANTOS et al (2003) citam três conceitos fundamentais ao autor, no que se refere a produção dos limites sociológicos da intervenção dos intelectuais, ou seja, os “homens de letras”:

Poder simbólico surge como todo o poder que consegue impor significações e impô-las como legítimas. Os símbolos afirmam-se, assim, como os instrumentos por excelência de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida. Campo surge como uma configuração de relações socialmente distribuídas. Através da distribuição das diversas formas de capital - no caso da cultura, o capital simbólico - os agentes participantes em cada campo são munidos com as capacidades adequadas ao desempenho das funções e à prática das lutas que o atravessam. As relações existentes no interior de cada campo definem-se objetivamente, independente da consciência humana. Na estrutura objetiva do campo (hierarquia de posições, tradições, instituições e história) os indivíduos adquirem um corpo de disposições, que lhes permite agir de acordo com as possibilidades existentes no interior dessa estrutura objetiva: o *habitus*. Desta forma, o *habitus* funciona como uma força conservadora no interior da ordem social. (SANTOS, 2003. p.7).

O momento objetivo e subjetivo das relações sociais estão numa relação dialética. Existem realmente as estruturas objetivas que coagem as representações e ações dos agentes, mas estes, por sua vez, na sua cotidianidade, podem transformar ou conservar tais estruturas, ou almejar a tanto.

A verdade da interação nunca está totalmente expressa na maneira como ela se nos apresenta imediatamente. Uma das mais importantes questões na obra de Bourdieu se centraliza na análise de

como os agentes incorporam a estrutura social, ao mesmo tempo que a produzem, legitimam e reproduzem.

Podemos verificar tais questões em **A dominação masculina** (2005), a partir da análise de aspectos da sociedade cabila identificados na sociedade euro-americana, Bourdieu (2005) mostra como a relação de força material e simbólica entre os sexos é refletida nas instituições - Família, Igreja, Escola, Estado - que ainda estão calcadas e presentes no inconsciente coletivo no que se refere ao patriarcalismo como ideologia dominante:

Se é verdade que o princípio de perpetuação dessa relação de dominação não reside verdadeiramente, ou pelo menos principalmente, em um dos lugares mais visíveis de seu exercício, isto é, dentro da unidade doméstica, sobre a qual um certo discurso feminista concentrou todos os olhares, mas em instâncias como a Escola ou o Estado, lugares de elaboração e de imposição de princípios de dominação que se exercem dentro mesmo do universo mais privado, é um campo de ação imensa que se encontra aberto às lutas feministas, chamadas então a assumir um papel original, e bem-definido, no seio mesmo das lutas políticas contra as formas de dominação. (BOURDIEU, 2005, p. 10-11).

E para tanto, utilizando tal perspectiva como abordagem ao âmbito literário, é que correlacionamos o pensamento de Bourdieu ao de Bakhtin, no que se refere à análise de *Pedro e Paula*, em que o enredo é permeado por personagens femininas e masculinas que dialogam entre si, e que se apresentam incorporados aos valores da ideologia dominante, como já mencionamos anteriormente.

Ambos teóricos verificam o que subjaz às “vozes” respresentadas pelos indivíduos, ou seja, as instituições que representam, e como podem libertar-se desses universos sociais individualizados e conflituosos, criando assim, os múltiplos planos e as múltiplas vozes da existência na narrativa.

Em **Pedro e Paula**, encontramos presentes tais aspectos descritos por Backtin Bourdieu, os quais verificaremos a seguir.

1 Autor, narrador e personagem feminina: os diálogos em Pedro e Paula

Pedro e Paula é o segundo romance de Helder Macedo. A história começa em 1945 percorrida até o ano de 1982 e terminando em 1997, recheada pela ditadura, revolução e transição para o socialismo.

Ana, a mãe das crianças, se casa com José, mas era por Gabriel que nutria grande paixão. Os três formaram-se em Direito, em Lisboa, mas José não teve a mesma ascensão profissional de Gabriel, que foi aceito na carreira diplomática e mais tarde, por determinadas razões políticas, foi exilado em Londres. José teve que se contentar com um emprego de chefia política e ilícita, na extinta colônia Lourenço Marques, na África do Sul, em que “recuperava” os africanos de aldeias que ainda não estavam sob a influência de Portugal. Ana, depois de se casar com José, dá à luz a Pedro e Paula, gêmeos que são destinados a serem afilhados de Gabriel. Logo depois vai embora com o marido e filhos para a colônia na África, perdendo o contato com Gabriel, pois mais tarde, quando descobrem sobre o exílio, José proíbe-os de qualquer tipo de contato.

Pedro e Paula crescem em Lourenço Marques e ao atingirem a mocidade vão estudar em Lisboa. Pedro destina-se à medicina, embora nunca ter concluído o curso, escondendo isso dos pais, acaba por conseguir praticar a medicina, assim como outras façanhas providas de seu caráter duvidoso: engravida Fernanda, uma moça vista por ele como uma grande ignorante, e a obriga fazer um aborto, usando parte da mesada que os pais mandavam aos irmãos. Mas Fernanda engana Pedro, que só descobre, anos mais tarde, que o aborto não foi feito, quando reencontra Fernanda bem-sucedida, num cargo de delegada, e com o filho já crescido junta-se a ela.

Paula vai estudar Belas Artes, mas também vai em busca de Gabriel, unindo-se a ele, pouco tempo depois. Para realizar essa busca, a moça sai de Lourenço Marques, parte para os estudos em Lisboa, passa por Paris a procura de novos ideais, como a pós-graduação e a libertação das amarras políticas, e realiza o encontro buscado com Gabriel, em Londres.

Há a presença de um padeiro na história, que é uma espécie de vigia dos gêmeos, sobretudo de Paula, por quem possui certa obsessão. Mas é por meio de Ana que o padeiro liberta tal sentimento, tendo uma relação estranha e sedutora. José acaba por se suicidar, pois já não agüentava a loucura que o acompanhava provindas do trabalho e da desconfiança do adultério de Gabriel com a esposa.

Pedro se vê sozinho na guerra interna que trava com a irmã, pois era o pai quem lhe dava apoio para “cuidar” de Paula. Ele sempre tentou dominá-la, pois nutria um sentimento estranho e particular por ela. Mas, mesmo com várias imposições do pai e do irmão, Paula acaba desvencilhando tais amarras e conquista sua liberdade, tanto profissional como pessoal. Como última agressão, o irmão a estupra quando, pela primeira vez, responde frontalmente a ele.

Não muito depois do triste fato, Paula tem uma filha, Filipa, e é para ela que conta o ocorrido, ao final da história, dizendo-lhe que não guarda remorsos do irmão, pois o encara como um fraco. A dúvida persiste ao leitor, se Filipa é filha de Pedro ou de Gabriel, da mesma forma com que é construída a dúvida se Paula é filha de Gabriel, já que a mãe foi apaixonada por ele, e sendo que o mesmo confia a Paula um encontro amoroso com Ana, às vésperas do casamento com José. Haveria a possibilidade de um duplo incesto na história e ele é aguçado pelo narrador, que confunde-se com o autor, pois possui o mesmo nome: Helder Macedo.

O narrador conta a história dos gêmeos que conheceu: Paula: inteligente, linda, mulher a frente de seu tempo; e Pedro, o irmão “bom-vivã”, enganador, machista de herança paterna, mas fraco e inferior à irmã. Verificamos a forma com que ele apresenta Pedro, desde pequeno, disputando o seio da mãe com a irmã,

[...] ela frugal no seio esquerdo e ele imperioso no direito. ‘Muda-os, querida, já estás com isso em sangue!’ ‘Não posso, ele não deixa!’ ‘Mas ao menos alterna-os, escusam de mamar os dois ao mesmo tempo’. Um desastre: daí em diante era tudo dele e a menina teve de ser passada para um ribeirão clandestino nos intervalos (MACEDO, 1998 p. 21).

Há várias passagens no texto que o narrador mostra as tentativas de Pedro em exercer poder pela irmã sempre tentando colocá-la em posição inferior, submissa. O narrador usa do discurso masculino imbuído de proteção para caracterizar as tentativas de dominação, colocando Pedro em posição de “desvantagem” sobre Paula, ou seja, retrógrado, machista, conservador:

Tu sabes que és uma menina muito frágil... És diferente... És a minha irmãzinha...! [...] Foi Pedro quem a desafiou a ir com ele para Lisboa quando entrou na Faculdade de Medicina [...] Foi ele quem conseguiu apaziguar as legítimas, providências e naturalíssimas objeções do pai, argumentando a perfeita lógica e boa economia de irem ficar os dois a viver no apartamento que tinha tido de ficar vazio na Padre Antonio Vieira [...] sossegassem, confiassem nele, tomaria conta de tudo, desde à moral às finanças, controlaria as mesadas de ambos, lá o teriam a protegê-la, a encorajá-la, a ser o seu irmão mais velho (riu de novo), pois não fora para isso mesmo que tinha nascido cinco minutos antes dela? (MACEDO, 1998 57-58).

Essa herança, conforme o narrador apresenta, é fruto da ideologia de toda uma sociedade patriarcal, ou seja, de uma estrutura histórica da ordem dominante. Bourdieu (2005, p. 31) evidencia que a sociedade vem sendo conduzida sobreposta em uma esteira de relações binárias em que a mulher sempre ocupa o espaço subordinado ao homem, e este constitui o núcleo do cosmos:

Como estamos incluídos, como homem ou mulher, no próprio objeto que nos esforçamos por apreender, incorporamos, sob forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação, as estruturas históricas da ordem masculina.

Bourdieu (2005) afirma que essa estrutura patriarcal provinda da realidade histórica é, sem dúvida, passível de transformação, ou seja, para escapar totalmente do essencialismo, o importante não é negar as constantes e as invariáveis, que fazem parte, incontestavelmente, da realidade histórica: é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historicização. A história de re(criação) continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente, desde que existem homens e mulheres, e através da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos, pode e deve ser mudada e, principalmente, recriada.

As próprias expectativas sedutoras que o autor constrói da definição da personagem Paula, junto com as evidências da personalidade machista e decadente de Pedro, só reforçam o fato de que um narrador, homem, pode apresentar o masculino segundo essa visão. E para não transformar a história em algo *piegas*, como uma mocinha aprisionada, oprimida e buscando a liberdade, coloca uma imensa carga feminina por meio da linguagem.

Há um diálogo minucioso entre o narrador e sua preterida Paula. Ao relatar também as atitudes de suas outras personagens, como se tivessem vida própria, ele apresenta-se de forma pouco confiável, pois está demasiadamente envolvido com elas para expressar-se neutro em suas atitudes

Mas já disse que dentro das minhas personagens há pedaços de gente a querer existir, vontades próprias a interferirem nas minhas monstificações emblemáticas p. 171. [...] E a Paula, bom, mas já disse, já devia ter dado para entender, a Paula a deixar que eu me escreva no que ela fosse p. 217. [...] Mas eu também tenho um problema que é preciso de resolver primeiro ou, pelo menos, parecer fazer por isso. O meu é que tomei partido: gosto de Paula, apetece-me a Paula, não teria tido os escrúpulos de Gabriel [...] o que neste momento me apetece é passar o resto do capítulo a construí-la nos mais íntimos pormenores (MACEDO, 1998 p. 53).

Esse diálogo é a verificação das vozes especificadas no romance. Segundo Bakhtin (1998), o romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes individuais. E é graças ao plurilingüismo social e ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance orchestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo e expressivo

O discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilingüismo se introduz no romance. Cada um deles admite uma variedade de vozes sociais e de diferentes ligações e correlações (sempre dialogadas em maior ou menor grau) (BAKHTIN 1998, p.74-75).

Paula é apresentada pelo narrador como alguém que sempre soube da fraqueza de Pedro, e por isso o deixava pensar que a enganava com suas demonstrações de poder, enquanto irmão e homem, mas na realidade era patético e perdedor. A forma como essa personagem feminina é descrita pelo narrador, enquanto mulher que obteve ascensão de seu sexo num momento de ditadura militar e quebrando todas as regras morais destinadas à sua classe, dentro de um país conservador, é verificado sob um ponto de vista masculino. Mas a maneira que o narrador oferece sua personagem segundo os aspectos do feminismo, é devido a cumplicidade da linguagem da própria personagem, conforme verificamos em muitas passagens no decorrer do texto. O discurso de Paula é a cumplicidade total com o feminismo, o que podemos observar em certa passagem de um diálogo de Pedro para com ela

Por quê? És contra o aborto? Nunca fizeste? Tu? Ou só tu tens direito, como em tudo? Ou julgas que lá porque agora estou sem nada me podes tratar assim? É

indigno! É miserável!’ Paula entendeu a indignação sem entender a causa, deu-lhe o desconto dos ressentimentos dos descontos antigos exacerbados pelos recentes horrores a que Pedro estivera exposto e ela tão feliz em Lisboa [...] ‘Pois é’, disse ela apenas. ‘Pois é’. [...] Mas tinha um longo traquejo de como lidar com agressões masculinas e acabou por neutralizar a do irmão num vago gesto de que importância tem isso: ‘Deixe lá, Pedro. Pois é’ (MACEDO, 1998, p. 152).

É interessante verificar também que a libertação sexual de Paula foi expressa, primeiramente, por uma intervenção cirúrgica, pois não queria submeter sua virgindade a um homem: “Sabe o que é que fiz quando fiz dezoito anos? Para celebrar o dia dos meus anos? Fui à médica, expliquei-lhe as minhas razões, pedi-lhe que me abrisse o hímen com o bisturi. Não queria que a minha virgindade fosse uma coisa que pudesse ser perdida”. p. 47.

Muitas vezes ela usa de um discurso irônico para com Pedro, sabendo que o irmão era mais fraco do que ela; verificamos exemplo disse na passagem em que Paula o encontra, em situação lastimável, no apartamento que dividiam, depois de dias que ela esteve ausente: “Tens de me ajudar Pedro, não consigo carregar tudo sozinha. Tu sabes que preciso sempre de tua ajuda, sou uma menina muito frágil, não te lembras?” p. 77.

A busca por Gabriel viola todas as regras impostas pelo poder patriarcal e pelo regime ditatorial da época, ou seja, foi unir-se a um homem mais velho, exilado de Portugal em Londres, o espaço perfeito que configura o lugar do encontro das diferenças para se constituir uma identidade livre e independente.

O estupro cometido por Pedro é algo que o narrador descreve como fraco e insano. Isso acontece quando a irmã o responde frontalmente, com límpidas palavras, sem ironia, mas carregadas de poder. Sendo assim, Pedro se vinga de Paula da maneira mais cruel e violenta possível para afirmar sua masculinidade e poder sobre o feminino, pois ele sabia que sua debilidade física e moral, assim como toda a sua fraqueza no amor e no trabalho, eram habilmente suportadas por ela, porém sua herança ideológica que o fazia fruto do poder patriarcal não o tornou livre, como a irmã. O incesto é uma violação que põe em evidência não uma sexualidade em si, mas um desamor, a posse indevida e a usurpação do outro

Sabes o que é que eu não consigo mesmo perdoar-te, Pedro? É que afinal tu és irremediavelmente, irrecuperavelmente menor. Apenas um pobre-diabo.’

E então... Bom, o resto foi rápido e brutal. Pedro avançou para a irmã de punho erguido, empurrou-a, ela caiu, ele caiu sobre ela, rasgou-lhe a camiseta, comprimiu-lhe os seios, bateu-lhe várias vezes com a nuca no chão, hesitou por um brevíssimo momento quando a percebeu atordoada, levantou-lhe a saia sobre o ventre, quebrou o elástico das calcinhas de seda, baixou-as até conseguir desembaraçá-la dos pés, abriu a braguilha, tirou das calças o pênis erecto, afastou-lhe as coxas com ambas as mãos, penetrou-a num orgasmo imediato, que esfriou rapidamente, viscoso, em parte derramado sobre a vagina contraída (MACEDO, 1998, p. 210).

Finalizando a discussão do poder da linguagem utilizada pelo narrador, nas falas de Paula, ele a demonstra forte e resolvida diante de mais esta fraqueza do irmão, pois chega até a contar, anos mais tarde, para a filha Filipa, o fato ocorrido. Explicou porque Pedro já estava morto, muito antes de Gabriel.

Sob este prisma, verificamos que o narrador constrói a cada fato mencionado, sobre suas personagens, uma tentativa de evidenciar a sociedade como algo diferente do que é apresentado - o masculino em defesa do masculino, e o feminino em defesa do feminino - acabam provando que uma personagem feminina pode ser construída com características de uma narração masculina, porém com marcas bastante subjetivas da feminilidade.

Conclusão

Conforme as perspectivas de Bakhtin e Bourdieu, o campo sociológico está cada vez mais presente na literatura, assim nos ajudando a dialogar com as inúmeras formas de estudo. As características da pluralidade de vozes mantida no romance verificado, sobretudo entre personagem feminina e narrador, explicam a diversidade na construção de algo já outrora debatido com muita controvérsia: o masculino e o feminino. A questão de gênero já não mais se enquadra somente na questão de sexo; e é no exemplo da intertextualidade que verificamos um romance construído e articulado por um autor, masculino, que orquestra sabiamente as vozes de suas personagens como forma de construir um discurso extremamente feminino, a ponto de esquecermos essa dualidade que por muito tempo nos foi permitida na literatura.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Questões de Literatura e de Estética* (A teoria do Romance). São Paulo: Unesp, 1998.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BAKHTIN, M. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. São Paulo: Forense Universitária, 2ª. ed., 1997
- BONNICI, T; ZOLIN, L. O. (Org). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2003.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- MACEDO, H. *Pedro e Paula*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- SANTOS et al. *O Mercado de bens simbólicos*. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: http://www.fmemoria.com.br/teoriaecritica/img/mercado_dos_bens_simb.pdf. Acesso em: 28 maio 2008

Autor

¹ **Giovana DOS SANTOS LOPES, Mestranda.**
Universidade Estadual de Maringá (UEM)
Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários
giovanagds@yahoo.com.br